

VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: GRUPO DE ARTES EXPRESSIVAS NO CAPS CENTRO-NORTE EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Brenda Bertolotti Barreto, Gabrielle Martins Ribeiro, Luca Felipe de Almeida, Eduardo Guadagnin

Universidade do Vale do Paraíba, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, brendabertolottib@gmail.com, martinsr.gabrielle@gmail.com, luca.univap@gmail.com, eduardo.guadagnin@univap.br

Resumo

O presente trabalho relata a experiência de estudantes de Psicologia no desenvolvimento de um grupo de artes expressivas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Centro-Norte, em São José dos Campos-SP, no primeiro semestre de 2025. A atividade foi elaborada e conduzida a partir das necessidades e demandas emergentes dos usuários, integrando recursos artísticos e corporais como dispositivos terapêuticos e de fortalecimento de vínculos. A experiência esteve ancorada nos princípios da Reforma Psiquiátrica, na luta antimanicomial e no legado de Nise da Silveira. Foram observados impactos positivos na expressão simbólica, no engajamento coletivo e na reconstrução de narrativas de vida, ao mesmo tempo em que se evidenciaram desafios estruturais e políticos que atravessam o cotidiano dos serviços substitutivos. Conclui-se que a vivência no CAPS foi fundamental para a formação acadêmica, contribuindo para o desenvolvimento de uma postura ética, crítica e implicada com a defesa do cuidado em liberdade.

Palavras-chave: Saúde Mental, Artes Expressivas, CAPS, Reforma Psiquiátrica, Antimanicomial.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas – Psicologia

Introdução

A Reforma Psiquiátrica brasileira, consolidada pela Lei nº 10.216/2001, representou um marco na transição do modelo hospitalocêntrico para a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), priorizando o cuidado em liberdade, a territorialidade e a singularidade do sujeito. Nesse contexto, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) surgem como serviços estratégicos de caráter substitutivo, organizados para oferecer atendimento interdisciplinar, acompanhamento contínuo e inserção social aos usuários com sofrimento mental grave e persistente (Calsavara; Marques, 2017).

O CAPS Centro-Norte, localizado em São José dos Campos-SP, funciona de segunda a sexta-feira, com equipe multiprofissional formada por psicólogos, psiquiatras, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, assistentes sociais e técnicos de enfermagem. O serviço oferece atendimentos individuais e em grupo, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares e acompanhamento familiar, articulando ações com outros pontos da RAPS. Seu funcionamento está orientado pela lógica da atenção psicossocial, com foco na reabilitação e reinserção social.

Apesar dos avanços, a disputa entre o modelo psicossocial e resquícios da lógica manicomial ainda se manifesta na precariedade estrutural, na insuficiência de recursos humanos e no estigma que recai sobre os usuários e sobre a própria Psicologia quando não atua de forma ética e comprometida com os direitos humanos (Oliveira Filho et al., 2024).

A arte, nesse cenário, ocupa lugar estratégico. Nise da Silveira, pioneira no uso da expressão artística como cuidado, demonstrou que a criação pode abrir caminhos para a simbolização de conteúdos que não encontram lugar na linguagem verbal (Silveira, 2001 apud Casanova dos Reis, 2014). O grupo de artes expressivas do CAPS Centro-Norte foi concebido como um espaço de produção simbólica e resistência, articulando cuidado clínico e compromisso político.

O objetivo deste artigo é apresentar um relato de experiência dessa prática, descrevendo as atividades realizadas, analisando seus efeitos e discutindo seu papel na reconstrução das narrativas de vida e na formação de uma postura profissional ética e antimanicomial.

Metodologia

Este estudo se configura como um relato de experiência, modalidade de produção científica que descreve e analisa de forma sistemática uma vivência profissional ou acadêmica, buscando refletir criticamente sobre seu processo e resultados (Daltro; Faria, 2019).

O estágio ocorreu entre março e junho de 2025, no CAPS Centro-Norte, durante o Estágio Profissionalizante em Psicologia da Saúde – Políticas Públicas. Os encontros do grupo de artes expressivas tinham periodicidade semanal, com duração aproximada de 1 hora, seguidos de 1 hora de supervisão com o orientador e equipe técnica do caps (psicóloga e enfermeira).

As atividades foram planejadas coletivamente pelos estagiários a partir das observações e escutas das demandas que surgiam nos encontros, utilizando recursos como desenho, pintura, colagem, modelagem, materiais orgânicos e música. O registro foi feito em diário de campo e em prontuário, permitindo acompanhamento e avaliação das intervenções.

Resultados

Durante 13 encontros, o grupo percorreu um processo que transitou entre o individual e o coletivo. As atividades possibilitaram que cada participante expressasse sua história e suas raízes além de projetarem sonhos e metas, estimulando a construção de futuro e reconstrução da própria história. Ao longo do semestre, o grupo de Artes Expressivas foi se constituindo como espaço de criação, partilha e acolhimento, marcado pela diversidade de materiais e pela escuta dos estagiários, orientador e da equipe técnica do CAPS. As atividades propostas não se restringiram ao uso da arte como ferramenta, mas se abriram à construção de vínculos e à elaboração de experiências, permitindo que cada encontro fosse atravessado pela singularidade dos participantes. Resistências emergiram, como silêncios prolongados ou recusa inicial em partilhar produções. O manejo respeitou o tempo subjetivo, permitindo que a participação se desse de forma espontânea. Ao longo das semanas, observou-se ampliação do engajamento, maior iniciativa para propor temas e intervenções mais colaborativas entre os participantes.

A atividade Árvore da Vida inaugurou o espaço de trocas, possibilitando que cada usuário representasse suas raízes, trajetórias e desejos. Esse momento favoreceu apresentações pessoais e abriu caminho para um reconhecimento mútuo que foi essencial na formação da identidade grupal. Em seguida, a proposta Mulheres na História de Vida trouxe à tona memórias de figuras femininas significativas, muitas vezes associadas a apoio, luta e resistência. Nesse encontro, emergiram sentimentos de gratidão, mas também lembranças de ausências, o que exigiu sensibilidade e sustentação do grupo.

Nas atividades Impressões da Natureza, Ciclos e Transformações, o contato com folhas secas, sementes e outros elementos naturais conduziu a reflexões sobre mudanças, passagem do tempo e capacidade de renascer diante das adversidades. Os usuários se envolveram intensamente, associando suas produções a fases da vida e a experiências de superação. A equipe técnica e orientador acompanhavam de perto, garantindo suporte e ao mesmo tempo concedendo autonomia para que os estagiários pudessem experimentar diferentes formas de condução.

A modelagem com massa de modelar, realizada em conjunto com músicas escolhidas pelos próprios participantes, trouxe à tona memórias afetivas ligadas à infância e evocou um clima de espontaneidade e leveza. Risos e recordações se misturaram, reforçando o caráter lúdico da proposta. Na sequência, a atividade das Colagens sobre a Adolescência despertou lembranças mais ambivalentes, algumas alegres, outras dolorosas, gerando um espaço de escuta importante para que cada narrativa fosse respeitada em sua intensidade. A resistência dos participantes e o uso defensivo dos materiais imagéticos sugeriram que a preparação emocional e a escolha dos recursos técnicos são fatores determinantes para o acesso a conteúdos mais dolorosos. As atividades voltadas para as fases da vida adulta e da velhice trouxeram à tona questões relacionadas ao sofrimento psíquico, à solidão, às responsabilidades e às perdas. O manejo cuidadoso da equipe e a utilização de recursos como música e práticas de respiração foram essenciais para sustentar um espaço seguro para a emergência e a elaboração desses conteúdos.

Outro momento significativo ocorreu na elaboração do Mural da Luta Antimanicomial. A atividade, inserida em um evento de lutas por direitos, promoveu uma experiência de valorização da história e da identidade de cada sujeito e favoreceu um espaço em que se resgatou coletivamente a importância do cuidado em liberdade e da valorização dos direitos dos usuários. A equipe técnica acompanhou com

interesse, estimulando reflexões críticas que reverberaram posteriormente nas supervisões acadêmicas.

As propostas Meu Caminho até o CAPS e Mapa dos Desejos, as quais finalizaram o semestre, ampliaram a dimensão subjetiva do território. Ao desenhar percursos até o serviço e ao construir mapas pessoais de sonhos e projetos, os usuários puderam reconhecer lugares de pertencimento, elaborar trajetórias e projetar possibilidades de futuro. Esses momentos foram atravessados por afetos de pertencimento e por uma atmosfera de esperança, que também impactaram os estagiários em seu olhar sobre o papel do cuidado psicossocial.

A relação estabelecida com a equipe foi um aspecto central para o processo formativo no estágio. A presença constante do professor da universidade, bem como da equipe técnica do CAPS, composta por uma psicóloga e uma enfermeira, em todas as atividades, seja de forma direta ou indireta, proporcionou um espaço de acompanhamento próximo, troca de saberes e construção conjunta. Essa convivência possibilitou aos estagiários vivenciarem, na prática, a importância da interdisciplinaridade no campo da saúde mental, reconhecendo como cada olhar profissional enriquece o cuidado ofertado e amplia as possibilidades de intervenção. O diálogo entre diferentes áreas do saber contribuiu para um aprendizado mais integrado, que ultrapassa fronteiras disciplinares e se reflete tanto no desenvolvimento técnico quanto no crescimento pessoal. A experiência evidenciou que o trabalho coletivo não apenas fortalece o cuidado em saúde mental, mas também constitui um pilar fundamental da formação, tornando o percurso mais humano, ético e sensível.

Os resultados não se limitam às produções artísticas, mas abrangem a construção de vínculos, a vivência do cuidado em liberdade e o aprendizado compartilhado. O estágio no CAPS Centro Norte ultrapassou a dimensão técnica e acadêmica, configurando-se como espaço de formação ética, afetiva e política. O contato com os usuários trouxe aprendizagens que vão além do saber teórico, convocando os estagiários a uma escuta implicada e a um olhar sensível diante do sofrimento e das produções de vida. Essa vivência evidenciou o cuidado em saúde mental como ato político, reafirmando a dignidade e a singularidade de cada sujeito e fortalecendo o compromisso dos estagiários com uma psicologia voltada para a vida e para a liberdade.

Discussão

As atividades realizadas no Grupo de Artes e Expressão do CAPS Centro-Norte demonstraram a potência transformadora da arte alinhada com um manejo de cuidado psicossocial como prática de cuidado em saúde mental. Fundamentada em perspectiva psicossocial e pautada na escuta sensível e na expressão simbólica, a proposta se alinha aos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira, reafirmando a centralidade do sujeito e o direito ao cuidado em liberdade.

O cenário brasileiro, desde a Lei 10.216/2001, consolidou-se em torno de uma política de saúde mental orientada pela desinstitucionalização e pelo fortalecimento dos CAPS como dispositivos substitutivos ao modelo asilar. Segundo Calsavara e Marques (2017), os CAPS promovem reinserção social de pessoas em sofrimento psíquico, articulando cuidado, acolhimento e cidadania. Entretanto, Severo et al. (2020) apontam retrocessos políticos recentes que ameaçam o modelo psicossocial.

O trabalho no grupo destacou-se como prática ética, política e clínica, proporcionando espaço para expressão criativa, reconstrução de narrativas e fortalecimento de vínculos. Dinâmicas como a Árvore da Vida, modelagem de memórias e mural da Luta Antimanicomial evidenciam a arte como ferramenta terapêutica capaz de acessar conteúdos subjetivos não verbalizáveis (Casanova dos Reis, 2014). A atuação também se aproxima do legado de Nise da Silveira, que valorizava a liberdade criativa dos sujeitos e reconhecia a arte como canal para externalizar conteúdos que não se deixam dizer por palavras (Silveira, 2001 apud Casanova dos Reis, 2014).

O uso de recursos expressivos e naturais, como folhas e colagens, permitiu simbolizar temas como identidade, transformação e ciclos da vida, embora tenha exigido manejo clínico cuidadoso diante de resistências ou evasões, indicativas de conflitos defensivos (Sei, 2011). O mural coletivo da Luta Antimanicomial reforçou a dimensão política do grupo, reafirmando a centralidade do cuidado em liberdade e do sujeito como protagonista, em consonância com a Reforma Psiquiátrica (Oliveira Filho et al., 2024).

Conforme Nise da Silveira, a criação artística abre canais para que conteúdos latentes sejam trabalhados no campo do sensível (Casanova dos Reis, 2014). O estágio evidenciou a importância do

trabalho em equipe multidisciplinar para o desenvolvimento de autonomia nos estagiários e para a efetividade das práticas coletivas, possibilitando corresponsabilidade, escuta e discussão crítica.

Do ponto de vista psicanalítico, essas produções funcionam como operações simbólicas que oferecem borda ao que transborda. Na perspectiva lacaniana, a criação pode operar como sintoma, sustentando o sujeito diante do real que não se inscreve (Lacan, 1975-1976/2007). Autores contemporâneos, como Soler (2012), destacam o ato criativo como ponto de ancoragem subjetiva em situações de sofrimento psíquico intenso. O espaço de criação atua como dispositivo clínico, sustentando a singularidade e favorecendo a simbolização, e político, ao afirmar o direito à expressão e à participação social de sujeitos historicamente silenciados.

O estágio permitiu aproximação significativa com os usuários, construção de espaço coletivo de trocas, valorização das singularidades e elaboração de memórias e sentimentos. Observou-se diversidade nas formas de participação, o que fortaleceu os vínculos grupais e promoveu aprendizado reflexivo para os estagiários. Limitações estruturais, como escassez de materiais e rotatividade de profissionais, evidenciaram desafios institucionais que impactam continuidade das atividades e estabilidade dos vínculos, ressaltando a responsabilidade ética e cidadã da Psicologia (Severo et al., 2020).

A sistematização das atividades e a supervisão crítica consolidaram uma prática ancorada na ética do cuidado, reconhecendo o sujeito em sua integralidade. A arte como técnica terapêutica, conforme Casanova dos Reis (2014), se apresenta como possibilidade real de transformação subjetiva e social, promovendo escuta, reconhecimento e reconstrução de si. Em tempos de fragilização das políticas públicas, sustentar a potência criativa do sujeito como centro do cuidado constitui posicionamento político e prática clínica comprometida com liberdade, escuta e vida.

Conclusão

A experiência no grupo de artes expressivas do CAPS Centro-Norte evidenciou a relevância das práticas artísticas na clínica ampliada, ao favorecer a expressão simbólica, a construção de vínculos e a reconstrução de narrativas de vida. As atividades demonstraram que a escuta sensível e a criação constituem dispositivos de cuidado capazes de resistir à lógica manicomial, colocando o sujeito no centro do processo terapêutico.

No âmbito da formação em Psicologia, o contato direto com a realidade do CAPS foi fundamental para o desenvolvimento de uma postura ética, crítica e implicada, que reconhece a complexidade do sofrimento psíquico e atua na promoção do cuidado em liberdade. O estágio funcionou como um espaço de aprendizagem coletiva e reflexiva, integrando teoria e prática clínica, fortalecendo habilidades terapêuticas e consolidando o compromisso dos futuros profissionais com uma psicologia comprometida com a vida, a singularidade e os direitos humanos.

Referências

CALSAVARA, V. L. F.; MARQUES, A. L. M. O trabalho do psicólogo nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37, n. 4, p. 1023-1035, 2017.

CASANOVA DOS REIS, D. Arteterapia e Psicologia Analítica: o uso de imagens no processo de individuação. *Revista da SPPA*, v. 17, n. 2, p. 53-66, 2014.

CAIXETA, C. R. et al. Desafios para a consolidação do modelo de atenção psicossocial: análise da estrutura física e organização dos CAPS. *Saúde em Debate*, v. 41, n. 113, p. 103-116, 2017.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

LACAN, J. *O Seminário*, livro 23: O sintoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OLIVEIRA FILHO, J. et al. Entre paradigmas: disputas no campo da saúde mental no Brasil. *Revista Saúde em Debate*, v. 48, n. 139, p. 90-105, 2024.

SEVERO, A. K. S. et al. A política de saúde mental no Brasil: avanços e retrocessos recentes. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, e00214119, 2020.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 2001.

Agradecimentos

Agradecemos ao professor Eduardo Guadagnin pela escuta e orientação atenta; à equipe do CAPS Centro-Norte, em especial à psicóloga Marianne L. B. de Santana e à enfermeira Mirela G. I. Corra, pela presença constante nos grupos, supervisões e pela valiosa parceria na troca de saberes; aos usuários, por compartilharem suas histórias e nos permitirem crescer junto a eles; aos colegas do trio, pela construção coletiva; e à Universidade do Vale do Paraíba, por possibilitar essa vivência transformadora.